

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Curso de Relações Internacionais**

**RICARDO GUIMARÃES CHAVES**

**A PROBLEMÁTICA DAS PMCS E CONTRACTORS NA GUERRA DE INVASÃO DA  
UCRÂNIA:  
eficiência, violações e responsabilização**

**SÃO PAULO – SP**  
**2024**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Curso de Relações Internacionais**

**RICARDO GUIMARÃES CHAVES**

**A PROBLEMÁTICA DAS PMCS E CONTRACTORS NA GUERRA DE INVASÃO DA  
UCRÂNIA:**

**eficiência, violações e responsabilização**

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel, sob orientação do Prof. Dr. Tomaz Oliveira Paoliello.

**SÃO PAULO – SP**

**2024**

**RICARDO GUIMARÃES CHAVES**

**A PROBLEMÁTICA DAS PMCS E CONTRACTORS NA GUERRA DE INVASÃO DA  
UCRÂNIA:**

**eficiência, violações e responsabilização**

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Relações Internacionais da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção de título de  
Bacharel, sob orientação do Prof. Dr. Tomaz Oliveira Paoliello.

---

**Prof. Dr. Tomaz Oliveira Paoliello**  
**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**São Paulo, 07 de junho de 2024**

## Sumário

<b>RESUMO.....</b>	<b>5</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>6</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. GRUPO WAGNER E A GUERRA DA UCRÂNIA.....</b>	<b>8</b>
<b>3. PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE PMCS.....</b>	<b>9</b>
<b>4. PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE O CASO WAGNER.....</b>	<b>13</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>19</b>

## Resumo

Esta é uma análise acerca da problemática envolvendo o emprego de empresas militares privadas – com enfoque particular no conhecido caso do grupo Wagner – na guerra de invasão da Ucrânia, desde seu início em 2022, até a morte de Yevgeny Prigozhin em agosto de 2023. Problemática essa, que é desenvolvida neste sob a lente da Segurança Internacional, baseada, sobretudo, no cenário de tal guerra – bem como em seus principais atores envolvidos, como o Kremlin e Prigozhin, por exemplo – e construída a partir de bibliografias diversas – como notícias, artigos e textos teóricos, por exemplo – que abordam sobre o tema em questão e acrescentam ao debate, apoiando-se, portanto, para tal fim, em notícias sobre os acontecimentos relevantes ocorridos durante o período referido, bem como explicando os principais argumentos de alguns dos autores – como Peter Singer, Christopher Kinsey e Sean McFate – que são especialistas em tal área de estudos, e utilizando-se de seus artigos e textos acadêmicos referentes ao tema, para assim discorrer acerca das perspectivas teóricas envolvendo essas empresas militares privadas e, mais especificamente, o grupo Wagner. Onde este trabalho busca, por conseguinte, apresentar um recorte informativo sobre as questões políticas, humanitárias, militares, econômicas, jurídicas e teóricas, principalmente, que envolvem o uso dessas empresas – em especial, o grupo Wagner – no conflito armado da Ucrânia. Conectando, portanto, teoria com prática, tendo em vista a pertinência dessa discussão frente ao crescente número de episódios similares ocorridos em diversas partes do mundo nos últimos anos.

Palavras-chave: empresas militares privadas, contractors, grupo Wagner, guerra da Ucrânia, Segurança Internacional.

## **Abstract**

This is an analysis of the problematic use of private military companies – with a particular focus on the well-known case of the Wagner group – in the invasion war of Ukraine, from its beginning in 2022, until the death of Yevgeny Prigozhin in August 2023. This problematic is examined through the lens of International Security, based, primarily, on the scenario of this war – and on its main actors, such as the Kremlin and Prigozhin, for example – and constructed from various bibliographic sources – such as news, articles and theoretical texts, for example – that addresses the subject and contribute to the debate, relying, therefore, for this purpose, on news about relevant events that occurred during the mentioned period, as well as explaining the main arguments of some authors – such as Peter Singer, Christopher Kinsey and Sean McFate – who are experts in such area of studies, and using their articles and academic texts related to the topic, to thus discuss about the theoretical perspectives involving these private military companies and, more specifically, the Wagner group. Accordingly, this text tries to present an informative overview primarily of the political, humanitarian, military, economic, legal and theoretical issues mainly related to the use of these companies – especially the Wagner group – in the armed conflict in Ukraine. Therefore, connecting theory with practice, while considering the relevance of this discussion, owing to the increasing number of similar episodes occurring in various parts of the world in recent years.

Keywords: private military companies, contractors, Wagner group, Ukraine war, International Security.

## 1. Introdução

Tendo em vista o crescente emprego de empresas militares privadas, também chamadas de PMCs – “*Private Military Companies*” – em conflitos armados contemporâneos nos últimos anos, como é o caso do grupo Wagner na guerra de invasão da Ucrânia por exemplo, aumenta-se também, a preocupação internacional com relação ao impacto, cada vez mais expressivo e preocupante, envolvendo essas organizações e seus *contractors* – como são chamados os soldados contratados dessas empresas – dentro, e fora, das zonas de guerra. Isso se deve, pois PMCs frequentemente realizam uma variedade de missões militares e de segurança no exterior, onde também podem complementar as forças armadas regulares envolvidas, e podendo essas, ser especializadas em tarefas específicas ou desempenhar múltiplas funções no campo de batalha.

Portanto, como trazido por autores da área de Segurança Internacional, tal realidade produz questões jurídicas, humanitárias, militares, econômicas, políticas e teóricas, como: a legalidade envolvendo o emprego desses grupos – considerados por muitos, como sendo mercenários, e onde esses, seriam ilegais de acordo com tratados internacionais – e a responsabilização desses *contractors* envolvidos, bem como a eficiência estratégica e transparência de tais empresas, por exemplo. Pois, há algum tempo, frequentemente essas empresas estariam envolvidas com supostas violações de direitos humanos e outros crimes de guerra durante suas operações, e que, tais organizações supostamente seriam contratadas por Estados para realizarem operações, muitas vezes, clandestinas e sigilosas, onde a responsabilização dos envolvidos em tal, seria dificultada, conseqüentemente.

Como, portanto, pode ser analisado, comparando teoria e prática, o caso do grupo Wagner na guerra de invasão da Ucrânia, por exemplo. Onde, por conseguinte, muitos explicam que tal grupo – que já era conhecido internacionalmente por seu envolvimento em escândalos anteriores similares – apesar de sua existência, tecnicamente, ilegal sob as leis russas, supostamente teria sido contratado pelo governo de Putin – que nega o fato – a fim de utilizar tais soldados durante esse conflito armado para complementar seu efetivo militar regular, e de poder, assim, não ser responsabilizado por quaisquer atos cometidos ao decorrer de tal por parte desses *contractors*, principalmente. Entretanto, como alguns mencionam, essa relação entre a organização e o Kremlin acabou se desgastando, devido a discordâncias entre ambas as lideranças e a outros fatos ocorridos durante o período da guerra ucraniana, muitos desses motivos, analisados por autores que discorrem acerca da origem e emprego, tanto

dessas PMCs, quanto do grupo Wagner mais especificamente, para se teorizar e explicar essa atuação e para propor sugestões de como reduzir esses impactos.

## 2. Grupo Wagner e a Guerra da Ucrânia

Logo após o início da invasão russa da Ucrânia, em fevereiro de 2022, o governo de Putin começou a empregar *contractors* do Grupo Wagner para combater em diversas batalhas relevantes desse conflito ao lado das tropas militares regulares russas. Empresa militar privada essa, que foi fundada em 2014 e que se acredita ter sido utilizada para defender os interesses da Rússia por diversas vezes ao decorrer dos anos – como na Síria, Líbia e Sudão por exemplo. Tal PMC foi chefiada pelo oligarca russo ligado ao Kremlin e à Putin, Yevgeny Prigozhin, até agosto de 2023. E segundo estimativas, a empresa estaria com mais de 20 mil de seus soldados lutando pelo lado russo na Ucrânia em maio de 2023, e teria acesso a um vasto arsenal de equipamentos militares do Ministério da Defesa russo.

Tal organização militar privada é composta por mercenários, onde ela contrata, sobretudo, ex-militares qualificados que eram, até então, liderados por Prigozhin. Contudo, acredita-se que, ao decorrer da guerra da Ucrânia, o chefe mercenário teria recrutado prisioneiros, civis russos e até mesmo estrangeiros, com o intuito de expandir o número de *contractors* do grupo e fornecendo aos mesmos, pouco treinamento formal. Não somente, ao decorrer dos anos, tal PMC desenvolveu uma reputação internacional muito negativa, pois acusações envolvendo abusos de direitos humanos, bem como o emprego de táticas de guerra ilegais, por parte do grupo em diversos conflitos pelo mundo, vieram à público. Com isso, durante a guerra de invasão em questão, Prigozhin dizia ser competente e implacável em comparação aos militares do governo russos, e o mesmo era conhecido por desconsiderar a integridade de seus próprios combatentes.

Entretanto, mesmo o Grupo Wagner sendo considerado até então um grande aliado de longa data por Putin e tendo também, um papel fundamental de reforçar as linhas de frente de batalha russas na Ucrânia, após divergências entre Prigozhin e militares do alto escalão da Rússia ao decorrer da batalha por Bakhmut, na Ucrânia, durante o começo de 2023 – onde o líder dessa PMC acusou os mesmos de propositalmente não fornecerem munição suficiente às suas tropas – somadas ao episódio de 23 de junho de 2023 – onde o chefe mercenário acusou abertamente os militares russos de atacarem um acampamento do grupo mercenário; Ato esse, que as autoridades russas negam ter ocorrido e o chamam de "uma provocação de informação" – bem como à exigência de Prigozhin, após tal episódio, por um encontro com

o ministro da defesa russo, Sergei Shoigu, e o principal general russo, Valery Gerasimov – com a ameaça de que seu grupo bloquearia a cidade-sede do Comando Militar do Sul da Rússia, Rostov-on-Don, com o não cumprimento dessa – Putin, então, passou a considerar tais atos como ameaças ao Estado e liderança russos, caracterizando-os como motim e traição, e garantindo que daria uma resposta severa à esses.

Não somente, em agosto de 2023 – dois meses após o suposto motim liderado por Prigozhin contra o sistema militar russo, que durou poucas horas, com a retirada dos *contractors* da região controlada devido a um acordo negociado pelo presidente da Belarus, e aliado de Putin, Alexander Lukashenko; Onde tal acordo dizia que o presidente russo não atacaria o grupo mercenário, e o chefe do mesmo iria para a Belarus – o avião em que Prigozhin estava a bordo, juntamente com outras lideranças relevantes do Grupo Wagner, caiu. E, alguns dias depois, após exames genéticos, autoridades russas confirmaram a morte do líder mercenário. Contudo, apesar de acusações de líderes ocidentais sobre o envolvimento do Kremlin em tal ocorrido, a causa do incidente permanece desconhecida até então.

Com isso, sem Prigozhin, o futuro do Grupo Wagner é incerto, e especialistas em segurança não acreditam que a empresa sobreviverá sem o líder. Eles temem que o Kremlin possa buscar absorver os soldados mercenários às suas tropas regulares, ou até colocar alguém de sua confiança para liderar o grupo. Como também, se teoriza que, por conta da expressiva e incomum lealdade desses *contractors* à figura de liderança de Prigozhin, o grupo, sem ele, irá se desmantelar. Tendo em vista que dois dos homens de maior confiança do chefe mercenário dentro da organização também estavam presentes e morreram com a queda do avião que matou o líder, a resposta para a questão acerca de quem assumirá a liderança do Grupo Wagner fica ainda mais incerta.

### **3. Perspectivas teóricas sobre PMCs**

Para analisar tal cenário, utilizo referências bibliográficas para entender como o mercado das PMCs opera e como essas organizações influenciam os conflitos modernos. Dito isso, uma das obras revisadas é a de Peter Singer, “Corporate Warriors: The Rise of the Privatized Military Industry and its Ramifications for International Security”, de 2002. Esse texto explica que tais empresas militares privadas acabaram se inserindo em guerras ao decorrer dos anos e que, por isso, atualmente é incomum um conflito armado sem a sua presença (SINGER, 2002). O teórico apresenta também, ao decorrer de sua obra em questão, como o surgimento dessas organizações privadas cria uma nova relação entre guerras e

negócios, onde tal característica se torna cada vez mais expressiva dentro dessa área de estudo (SINGER, 2002). Ademais, tal autor também descreve como tais empresas se relacionam com os exércitos regulares nacionais, onde, para Singer (2002), tais empresas assumiriam, nesses conflitos modernos, portanto, um papel de suporte ao exército nacional, assim servindo para auxiliar e facilitar a operação das forças armadas regulares.

Não somente, ainda sobre o tema, o autor Christopher Kinsey, em seu texto “Corporate Soldiers and International Security”, de 2006, também discute sobre o aumento da presença de PMCs no cenário internacional nos últimos anos e o preocupante impacto de tais na segurança global. O mesmo argumenta que essas empresas surgem como resultado da crescente demanda por serviços especializados de segurança em regiões de conflito, e como, em concordância com o que foi citado por Singer, para ele, tais acabam, em muitos casos, suprimindo necessidades das forças armadas convencionais (KINSEY, 2006). Onde Kinsey (2006) analisa também, como a atuação dessas empresas militares influencia consideravelmente a dinâmica da segurança internacional, uma vez que tais alteram as formas tradicionais – já vastamente conhecidas e aplicadas – de planejamento de operações militares e introduzindo novas preocupações e aspectos no âmbito estratégico, e até mesmo, político.

Portanto, pode-se fazer um paralelo entre as explicações citadas, tanto de Singer, quanto de Kinsey, e a atuação do grupo Wagner na guerra da Ucrânia, pois o emprego de tal PMC – essa, que, como já explicado, é amplamente conhecida por seus supostos crimes e violações em diversos conflitos ao redor do mundo – fez com que novas estratégias militares e políticas – tanto por parte do ocidente, quanto por parte da própria Rússia – fossem desenvolvidas para lidar com essa empresa de segurança, uma vez que leis militares internacionais não abrangem integralmente o emprego de tais mercenários em um conflito como esse, por exemplo. Sendo assim, portanto, difícil de responsabilizar os envolvidos por essas práticas. Onde Kinsey (2006) também desenvolve argumentando nessa obra em questão, sobre as preocupações éticas e legais relacionadas ao emprego de PMCs. Preocupações essas, como, por exemplo, a possibilidade real de violações de direitos humanos, a falta de regulamentação adequada e a dificuldade em responsabilizar tais organizações por suas ações (KINSEY, 2006).

Kinsey (2006) também apresenta em seu texto a necessidade de maior transparência, e supervisão, dessas empresas – regulamentando essa prática a partir de uma abordagem coordenada e multilateral – para garantir que elas operem dentro dos parâmetros legais internacionais, e evitando assim, violações dos direitos humanos e abusos de poder por parte delas. Como ocorre no caso do grupo Wagner – que possui pouca transparência com relação

à suas operações – e suas atuações supostamente abusivas e ilegais, que permanecem propositalmente fora desses parâmetros, para assim, não virem à público e serem julgados, bem como seus contratantes envolvidos – que no caso do grupo Wagner na Ucrânia, supostamente seria, até certo ponto da invasão em questão, o governo russo, como muitos acreditam.

Argumentos esses, acerca da responsabilização e transparência dessas PMCs, que Deborah Avant aborda em sua obra “The Market for Force”, de 2005. Onde tal autora também discute sobre como a privatização da segurança pode influenciar negativamente a responsabilização e a transparência dos envolvidos, haja visto que, como ela explica, as PMCs comumente operam baseadas em uma brecha na regulação, e recebem incentivos financeiros que podem vir a conflitar com possíveis objetivos de segurança pública (AVANT, 2005). Bem como o emprego dessas forças privatizadas também pode dificultar a prestação de contas em casos de violações de leis (AVANT, 2005). Ademais, Avant (2005) também acrescenta que essa privatização da segurança, e proliferação das PMCs, desafia os conceitos tradicionais sobre soberania estatal, tendo em vista que essas empresas frequentemente trabalham independentemente das estruturas de governança estatais – como é o caso do grupo Wagner em questão, onde isso fica evidente quando ocorre a divergência de interesses entre a empresa de segurança, e o Kremlin – e que também, em certos casos, até o substituem esses Estados na prestação de serviços militares e de segurança diversos. O que, por sua vez, pode comprometer a capacidade do governo em cumprir com suas responsabilidades básicas de proteger os próprios cidadãos, como destaca Avant (2005).

Tópico esse, que o texto “Routledge Handbook of Private Security Studies”, de Rita Abrahamsen e Anna Leander, de 2016, também aborda, descrevendo que a segurança – que, de acordo com esse, é tradicionalmente uma responsabilidade do Estado – está cada vez mais sendo delegada à atores privados, como grupos mercenários contratados (ABRAHAMSEN e LEANDER, 2016). Onde, ao decorrer dessa obra, é adicionado à discussão como Estados empregam essas empresas de segurança em setores relacionados à contraterrorismo, inteligência e proteção, por exemplo, e como tais prestadores de serviços já dominam – inclusive com a aprovação governamental local, em muitos desses casos – alguns desses relevantes segmentos (ABRAHAMSEN e LEANDER, 2016). Segmentos esses, que, portanto, acabam sendo terceirizados, como é desenvolvido ao decorrer desse texto de Abrahamsen e Leander (2016).

Adicionalmente, outra obra relevante para discutir tal contexto, é o artigo de Rita Abrahamsen e Michael Williams, "Security Beyond the State: Global Security Assemblages

in *International Politics*", de 2011, em que se discute a evolução da segurança internacional após a Guerra Fria. Onde eles argumentam nesse, que a segurança global é cada vez mais organizada por "*clusters*" formados de atores estatais e não estatais – incluindo organizações internacionais, empresas de segurança privada, organizações não-governamentais e grupos armados não-estatais – agrupados, e que atores esses, complexamente interagem entre si para poderem lidar com questões relacionadas à segurança transnacional (ABRAHAMSEN e WILLIAMS, 2011). Não somente, esses autores também distanciam sua análise da questão prática, e se atêm à privatização e globalização do mercado da segurança internacional (ABRAHAMSEN e WILLIAMS, 2011). Dessa forma, tais teóricos se concentram não na perda de poder por parte do Estado, mas sim em explicar o surgimento de uma nova estrutura da segurança internacional por via desses "*clusters*", apresentando argumentos sobre a importância de tais para a segurança global (ABRAHAMSEN e WILLIAMS, 2011).

Outrossim, Abrahamsen e Williams (2011) também destacam nesse as tensões e desafios que surgem a partir da colaboração desses diferentes atores, especialmente quando há interesses conflitantes e/ou diferenças ideológicas. Como pode ser analisado, através da aplicação de tais conceitos, o caso do grupo Wagner, uma organização internacional, na Ucrânia, pois durante a campanha em questão, as desavenças já citadas entre o líder Prigozhin e o Kremlin, foram tomando maiores proporções. Onde, conseqüentemente, essas tensões decorrentes do conflito de interesses teriam resultado no suposto motim já mencionado e na quebra da aliança entre a PMC e o Estado russo. Aliança essa, que influenciava as estratégias de ambas as lideranças durante o conflito armado.

Ademais, outro texto escolhido para tratar sobre esse tema, foi o de Tomaz Paoliello, "Uma Genealogia das Empresas Militares e de Segurança Privada", de 2021. Ao decorrer de tal obra, Paoliello (2021) menciona que a presença do grupo Wagner na Ucrânia é reflexo do crescente surgimento de empresas privadas do tipo. Relacionando também, o crescimento do mercado da força, com o período pós atentados de 11 de setembro de 2001, momento esse, em que o número de empresas militares e de segurança privadas cresceu exponencialmente, devido ao medo de uma nova ameaça terrorista (PAOLIELLO, 2021). E não somente, o autor também enfatiza a relação entre esses atores e o sistema econômico das guerras contemporâneas, onde o fator econômico e o surgimento dessas empresas também são temas principais para Paoliello (2011), haja visto que ele destaca nessa obra como tais organizações cresceram – inclusive em número – tanto nos últimos anos e como o mercado da força nas guerras contemporâneas tem sido extremamente lucrativo (PAOLIELLO, 2021).

Porém, ele ainda pontua que, para muitos autores sobre o tema, a presença desses exércitos privados não alterou a natureza desses conflitos e que sua presença é uma constante nos conflitos contemporâneos (PAOLIELLO, 2021). Para o autor, a presença dessas PMCs não pode ser colocada em oposição à presença do Estado, por dois motivos (PAOLIELLO, 2021). O primeiro deles sendo porque esses grupos não disputam com o Estado pelas atividades de combate, e sim se complementam (PAOLIELLO, 2021). O segundo deles sendo o de que as forças armadas regulares seguem sendo aqueles que praticam a maioria dessas atividades de combate (PAOLIELLO, 2021). Portanto, Paoliello (2021) observa como essas empresas aumentam a capacidade do Estado de exercer seu controle em territórios distantes, bem como as mesmas defendem interesses estatais. Logo, pode-se traçar um paralelo entre o caso do grupo Wagner na invasão da Ucrânia e tal padrão mencionado descrito por esse autor em seu texto, onde, ao atuar de uma maneira mais independente no conflito entre a Rússia e a Ucrânia, é difícil dizer que tal organização apenas complementa as ações do exército regular russo – tendo em vista as citadas tomadas de decisão de Prigozhin, que, muitas vezes, eram contrárias às de Putin, por exemplo, e onde essa PMC, a partir de certo momento, tomava suas próprias decisões de maneira independente, bem como escolhia lados na guerra conforme seus próprios interesses.

#### **4. Perspectivas teóricas sobre o caso Wagner**

Pode-se adicionar também, o texto de 2019 “Decoding the Wagner Group: Analyzing the Role of Private Military Security Contractors in Russian Proxy Warfare”, de Candace Rondeaux. Nessa obra, a autora discorre acerca das origens do grupo Wagner e como o governo russo nega ter qualquer relação com esse, bem como com qualquer outra PMC (RONDEAUX, 2019). Ela analisa também, como o número de mortos por esses grupos têm aumentado cada vez mais, fazendo com que essa relação entre o Estado russo e essas PMCs, fique cada vez mais aparente (RONDEAUX, 2019). Porém, a mesma menciona que o nível de controle que o governo russo exerce sobre esses grupos é incerto, desenvolvendo, por conseguinte, o questionamento: se o grupo Wagner é um exército mercenário, ou se eles estão diretamente ligados com o governo russo (RONDEAUX, 2019). E ainda durante tal texto, a autora escreve que essa empresa de segurança serviria sim como um grupo de suporte, que permitiria o governo russo exercer seu poder em territórios fora da Rússia (RONDEAUX, 2019).

Rondeaux (2019) menciona também, nessa obra, como o emprego dessas PMCs, por parte do governo russo, em regiões em crise, têm ajudado Putin a exercer sua influência de forma mais eficaz sobre esses territórios. Contudo, o emprego desses grupos pode gerar problemas para o governo russo, esse, que sempre buscou encobrir tais atividades. A consequência disso, é que as operações dessas empresas ocorrem de forma sigilosa, ou seja, o acesso às informações sobre o que realmente ocorre durante essas missões é dificultado e somente acessível à poucos, haja visto que um dos principais meios utilizados pelo governo russo para ocultar tais feitos, é o espalhamento de notícias falsas para controlar a narrativa e esconder o que esses grupos realmente fazem.

Portanto, tal autora conclui que o governo russo utiliza esses mecanismos de dissuasão para permitir que essas PMCs consigam atuar nesses conflitos, burlando, conseqüentemente, as regras que proíbem atividades mercenárias desse tipo (RONDEAUX, 2019). Posto isso, a Rússia utiliza essas empresas privadas para aumentar sua influência nesses países em crise e, também, para auxiliar suas tropas em combates – como ocorre no caso ucraniano em questão. Outrossim, essa teórica pontua que, quando as informações sobre a atuação do grupo Wagner estão sendo noticiadas, tal atuação é restringida, o que afeta negativamente a estratégia russa de utilizar o grupo de forma mais eficiente (RONDEAUX, 2019). Essa questão, posta por Rondeaux (2019), pode ser interpretada como sendo a responsável pelo deterioramento da relação entre tal PMC e o governo russo, onde ambos, de acordo com muitos, estariam familiarizados em realizar essas missões de forma velada. Onde, devido à essas ações noticiadas ao mundo, a atuação do grupo Wagner passaria a ser restringida pelo próprio governo russo – esse, que seria o suposto contratante, como muitos acreditam – causando, portanto, o desentendimento já descrito entre ambas as lideranças.

Não somente, no texto publicado em 2020 “The Expansion of Russian Private Military Companies”, de Catrina Doxsee, Nicholas Harrington, Seth Jones e Brian Katz, os autores adicionam a esse debate explicando que, mesmo que PMCs sejam tecnicamente ilegais de acordo com a Constituição russa, alguns dos aliados mais próximos de Putin – como, até certo momento, Prigozhin – lideram parte desse setor russo (DOXSEE et al., 2020). Onde, de acordo com a obra em questão, essas empresas formariam um componente central da estratégia de “guerra híbrida” da Rússia e forneceriam ao Kremlin mais um meio de atingir os objetivos russos, complementando, ou substituindo, portanto, formas mais tradicionais de política diplomática (DOXSEE et al., 2020).

Doxsee et al. (2020) também discorrem em tal obra que essas empresas militares privadas capacitam o governo russo, fornecendo a ele ferramentas para expandir a influência

da Rússia pelo mundo. Onde Moscou pode, através do emprego de PMCs, prestar suporte à Estados e organizações parceiras, extrair recursos e influenciar externamente (DOXSEE et al., 2020). Bem como, utilizando-se de tais capacidades militares, empresas como o grupo Wagner, possibilitam à Moscou projetar poder, fortalecer laços estratégicos, estabelecer posições militares importantes no campo de batalha e alterar o equilíbrio de poder em conflitos – como o da Ucrânia, por exemplo – para obter os resultados preferidos, ao mesmo tempo em que mantém um nível de negação plausível para o Kremlin (DOXSEE et al., 2020).

Como esses autores escrevem, além da característica “descartável” de seus *contractors* no campo de batalha, essas PMCs, como o grupo Wagner, muitas vezes recrutam integrantes das forças armadas russas (DOXSEE et al., 2020). Onde eles desenvolvem redes de inteligência para coletar informações relevantes às tomadas de decisão do governo da Rússia e para realizar operações de inteligência e contrainteligência, tais como influência política, ações secretas e outras atividades clandestinas diversas, como adicionam Doxsee et al. (2020).

Além disso, como também acrescentado nesse texto, por normalmente serem administradas por oligarcas ligados ao Kremlin – como era o caso do líder Prigozhin – essas PMCs, bem como os lucros decorrentes de seu emprego em campo, tanto oferecem ao Estado russo um meio para equilibrar interesses políticos, e financeiros, concorrentes entre esses oligarcas, como também oferecem uma forma de explorar o já citado *status* semilegal de tais empresas na Rússia para garantir sua lealdade à Putin (DOXSEE et al., 2020). Lealdade essa, que o oligarca russo, e, até certo ponto, líder do grupo Wagner, Prigozhin, sustentou durante muitos anos que antecederam as discordâncias entre o mesmo e figuras políticas russas relevantes ao decorrer de tal campanha na Ucrânia. Onde não somente o líder da empresa quebrou a confiança de Putin, como também supostamente teria sido punido pelo Kremlin, quando o mesmo acabou morrendo devido a um acidente aéreo que muitos julgaram não somente ter sido causado deliberadamente, a mando de Putin, como forma de vingança à suposta traição, mas também que o ato seria uma mensagem a ser passada à todos aqueles que se opõem ao Estado russo e suas decisões.

Adicionalmente, o especialista na área, Sean McFate, comenta em seu texto na Newsweek, “How to Defeat Russia's Mercenaries”, de março de 2023, que as guerras nas quais estão presentes empresas militares privadas acabam se transformando de maneira que militares de alta patente não compreendem (MCFATE, 2023). E ele ainda complementa, dizendo que ocasionalmente havia conversado com membros do grupo Wagner, e que tal empresa deteria de um efetivo de aproximadamente 50 mil soldados naquele momento

(MCFATE, 2023). Onde, de acordo com o autor, esses estariam tomando, com facilidade, cidades inteiras durante a guerra de invasão da Ucrânia (MCFATE, 2023).

McFate (2023) acrescenta também nesse texto, a fim de propor meios para reduzir, e limitar, o grupo Wagner, que um bom estrategista poderia explorar essas transformações citadas, para assim vencer essa guerra. O autor apresenta, portanto, três estratégias para derrotar os mercenários e, com isso, alterar o curso da guerra na Ucrânia (MCFATE, 2023). Onde tal especialista explica, como parte da primeira dessas que, se o conflito é “*commoditized*”, então, lógicas de mercado se aplicam à guerra (MCFATE, 2023). E ele ainda acrescenta que, a lealdade dos mercenários é pelo pagamento, e que esses não somente saberiam que são considerados descartáveis, mas também estariam infelizes por estarem em tal situação, como discorrido nessa obra (MCFATE, 2023). Fato esse, que McFate (2023) explica que poderia ser explorado para os fins desejados citados, pois tal PMC, ao decorrer da guerra em questão, foi dividida entre o que o autor chama de “velha guarda” e “nova guarda”. Onde essa “velha guarda”, como ele explica, seria formada por aqueles que foram recrutados – de unidades militares profissionais – antes da invasão, desses quais nem todos seriam russos (MCFATE, 2023). Já essa “nova guarda”, por sua vez, seria formada por ex-prisioneiros (MCFATE, 2023).

Consequentemente, McFate (2023) descreve que essa “velha guarda” abandonaria a Rússia por contratos mais lucrativos e seguros em outras regiões do mundo, e que a comunidade internacional poderia facilitar tal processo oferecendo contratos não letais, haja visto que, de acordo com esse autor, tais mercenários sobreviventes irão, de qualquer modo, procurar novos contratos. Entretanto, a tal “nova guarda”, por sua vez, não será contratada, por conta de seu caráter perigoso e desprovido de habilidades (MCFATE, 2023). Entretanto, ela teria interesse em desertar para a Ucrânia, sob promessa de não retornar ao grupo Wagner em uma possível troca de prisioneiros, tendo em vista que tal grupo costuma matar desertores (MCFATE, 2023).

Além disso, como segunda estratégia proposta por McFate (2023) nesse texto, o autor explica que soldados do setor público e os do setor privado se desgostam, e tal característica poderia ser utilizada contra esses na Ucrânia. Onde, como escreve esse especialista, um estrategista poderia exacerbar esse aspecto através do espalhamento de desinformação, para fazer com que o grupo Wagner e as forças armadas regulares da Rússia, trabalhem, portanto, uma contra a outra (MCFATE, 2023).

Adicionalmente, McFate (2023) também aborda em sua obra, de modo a explicar o que seria a terceira estratégia mencionada, que exércitos privados podem se tornar uma

ameaça para aqueles que os contratam, à medida que essas PMCs crescem e se tornam mais poderosas e eficientes. O que, como apresentado durante tal texto, seria similar ao cenário que estaria sendo formado em Moscou, tendo em vista os até então bem-sucedidos atos do grupo Wagner, chefiado pelo oligarca russo Prigozhin, durante batalhas cruciais da invasão na Ucrânia, frente aos não tão bem-sucedidos atos dos militares regulares russos durante a mesma campanha (MCFATE, 2023). Onde McFate (2023) também complementa descrevendo que, se Prigozhin trair Putin, muitos acreditam que tal oligarca acabará sendo morto como consequência. Resultando, portanto, em uma perda de 50 mil soldados – do grupo Wagner – para lutar pelo lado russo na guerra (MCFATE, 2023).

## 5. Conclusão

Portanto, pode-se concluir que essas perspectivas teóricas – que explicam a problemática envolvendo essas PMCs, bem como as que explicam o caso Wagner especificamente, em conflitos armados ao redor do mundo, particularmente na guerra de invasão da Ucrânia, iniciada em 2022 – somadas às notícias informativas sobre o episódio, facilitam entender quais são essas questões políticas, humanitárias, militares, econômicas, jurídicas e teóricas, que estão relacionadas à criação, contratação e emprego dessas empresas militares privadas – consideradas tecnicamente ilegais – durante os últimos anos. Onde tais perspectivas possibilitam também, comparar tal teoria com a prática, quando relacionadas, principalmente, com o caso ucraniano em questão, haja visto que estão em concordância, para assim possibilitar melhor julgamento acerca de aspectos relevantes dessa guerra.

Pois, como dito, os textos abordados complementam o entendimento não somente sobre a situação ucraniana mencionada, mas também sobre a realidade de outras PMCs e de outros episódios similares em diversas regiões do mundo, e especulam sobre possíveis cenários para a resolução de parte da problemática. A partir, portanto, dos fatos noticiados acerca do ocorrido pela imprensa mundial – desde a entrada do grupo Wagner na guerra, em 2022, até a morte de seu líder, Yevgeny Prigozhin, em agosto de 2023 – e de tais explicações detalhadas citadas desenvolvidas pelos autores, muitos desses especialistas em Segurança Internacional e referência no assunto, que podem contribuir o entendimento dos processos mencionados sobre o episódio envolvendo a empresa privada e o Kremlin.

Explicações fundamentais abordadas pelos teóricos essas, como aquelas referente à nova relação entre guerras e negócios, à alteração das formas tradicionais de planejamento de operações militares, à introdução de novas preocupações e aspectos no âmbito estratégico

e até mesmo político, e à necessidade de maior transparência e supervisão dessas operações, por exemplo. Bem como, mesmas explicações essas, que discorrem, também, sobre a responsabilização, e regulamentação, de tais PMCs, a privatização da segurança e a proliferação dessas empresas. E não somente, essas descrevem a presença dominante desses grupos em diversos setores relevantes e a perda de poder por parte do Estado, ainda.

Quando, algumas dessas teorias trabalhadas, por sua vez, proporcionam enfoque particular no expressivo caso sobre o grupo Wagner. Onde tais envolvem questões essenciais, como a negação por parte do governo russo em ter qualquer relação com esse grupo, o impreciso nível de controle que o governo russo exerceria sobre essas organizações privadas e, até mesmo, as estratégias voltadas a derrotar esses supostos mercenários e, com isso, alterar o curso da guerra na Ucrânia, por exemplo.

## Referências Bibliográficas

ABRAHAMSEN, Rita; LEANDER, Anna. **Routledge Handbook of Private Security Studies**. London: Routledge, 2016.

ABRAHAMSEN, Rita; WILLIAMS, Michael. **Security Beyond the State: Global Security Assemblages in International Politics**. [S. l.], 2011.

AVANT, Deborah. **The market for force: the consequences of privatizing security**. Cambridge: University Press, 2005.

BBC NEWS BRASIL. **Quais os possíveis impactos do motim do Grupo Wagner na guerra entre Rússia e Ucrânia**. BBC News Brasil, [S. l.], p. 1-1, 25 jun. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c809jwk9227o>. Acesso em: 20 abr. 2024.

BISCHOFF, Wesley. **Entenda o que o desentendimento entre o líder do Grupo Wagner e o governo russo pode representar: ‘Wagner‘ contribuiu em batalhas para conquista de territórios da Ucrânia. Chefe da organização culpou o governo russo por um ataque contra o grupo e prometeu retaliação**. G1, [S. l.], 24 jun. 2023. Mundo, p. 1-1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2023/06/24/entenda-o-que-o-desentendimento-entre-o-lider-do-grupo-wagner-e-o-governo-russo-pode-representar.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2024.

DOXSEE, Catrina; HARRINGTON, Nicholas; JONES, Seth; KATZ, Brian. **The Expansion of Russian Private Military Companies**. Center for Strategic & International Studies, [S. l.], p. 1-1, set. 2020. Disponível em: <https://russianpmcs.csis.org/>. Acesso em: 12 maio 2024.

GIGOVA, Radina; PAVLOVA, Uliana. **Rússia confirma morte de Yevgeny Prigozhin em acidente de avião: Após exames genéticos, restos mortais de todos os 10 passageiros listados a bordo foram encontrados entre os destroços**. CNN Brasil, [S. l.], p. 1-1, 27 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/russia-confirma-morte-de-yevgeny-prigozhin-em-acidente-de-aviao/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

G1. **O que é o Grupo Wagner, formado por mercenários que combateram na Ucrânia:** Chefe do grupo, Yevgeny Prigozhin, estava em lista de passageiros de avião que caiu nesta quarta-feira. Empresa paramilitar privada recruta prisioneiros para lutarem em conflitos e teve participação em guerra da Ucrânia. G1, [S. l.], 23 ago. 2023. Mundo, p. 1-1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2023/08/23/o-que-e-o-grupo-wagner.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2024.

KINSEY, Christopher. **Corporate Soldiers and International Security:** The rise of private military companies. [S. l.]: Routledge, 2006. 196 p.

KOTTASOVÁ, Ivana. **Será que o Wagner sobrevive após a morte de Prigozhin?:** Ausência de líderes coloca em dúvida atuação do grupo de mercenários em outros países, sobretudo no continente africano. CNN Brasil, [S. l.], p. 1-1, 27 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/sera-que-o-wagner-sobrevive-com-a-morte-de-prigozhin/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MCFATE, Sean. **How to Defeat Russia's Mercenaries.** Newsweek, [S. l.], 6 mar. 2023. Opinion, p. 1-1. Disponível em: <https://www.newsweek.com/how-defeat-russias-mercenaries-opinion-1785481>. Acesso em: 19 maio 2024.

PAOLIELLO, Tomaz. **Uma Genealogia das Empresas Militares e de Segurança Privada:** a trajetória da empresa DynCorp frente a formação do mercado da força nos Estados Unidos. Revista Tempo e Argumento, 2021.

RONDEAUX, Candace. **Decoding the Wagner Group:** Analyzing the Role of Private Military Security Contractors in Russian Proxy Warfare. Arizona University, 2019.

SINGER, Peter W. **Corporate Warriors:** The Rise of the Privatized Military Industry and Its Ramifications for International Security. 3. ed. Winter: The MIT Press, 2002.

TAYLOR, Jeromy. **Qual motivo fez Grupo Wagner se voltar contra Rússia? Entenda as chaves da rebelião:** Classificado pelo presidente russo como "traição" e "revolta armada", motim começou na sexta-feira (23), com tropas do grupo mercenário entrando na cidade russa de Rostov-on-Don. CNN Brasil, [S. l.], p. 1-1, 24 jun. 2023. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/qual-motivo-fez-grupo-wagner-se-voltar-contrarussia-entenda-as-chaves-da-rebeliao/>. Acesso em: 20 abr. 2024.